

## O(s) processo(s) de aprendizagem na prática da sanfona em Sertânia-PE

### Comunicação

*Ítalo Fernandes da Silva*  
Universidade Federal de Pernambuco - UFPE  
*italo.fernandess@ufpe.br*

**Resumo:** O presente trabalho trata-se de uma investigação em andamento sobre a forma como os sanfoneiros localizados na cidade de Sertânia-PE aprendem a tocar forró. O trabalho compõe uma pesquisa ainda em andamento, financiada pelo CNPq através do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC), que tem o objetivo de investigar as práticas e repertório do acordeon (sanfona) em Sertânia. Como recorte, este artigo discutirá os processos de aprendizagens observados entre os músicos, que partem tanto de uma abordagem autodidata como orientada por um professor. A aprendizagem da sanfona por parte dos músicos acontecia de forma visual e auditiva, através de diversas ferramentas como o rádio, a TV, vídeos da internet e festas onde o forró era o repertório principal executado, além da figura do professor. Até o presente momento, participaram um total de 11 sanfoneiros com faixa etária diversas, sendo também diversa sua aprendizagem e relação com o instrumento.

**Palavras-chave:** Aprendizagem; Sanfona; Forró;

### Introdução

O presente trabalho é resultado de uma pesquisa ainda em andamento sobre as matrizes do forró, tendo um recorte referente aos processos de aprendizagem dos sanfoneiros da cidade de Sertânia-PE observados e analisados durante o trabalho de campo. A cidade de Sertânia foi escolhida como local de investigação de pesquisa devido a fatores como a grande quantidade de sanfoneiros e músicos do forró em geral, a presença de uma escola de sanfona, que contribui para o desenvolvimento destes sanfoneiros, e o Núcleo de Extensão e Cultura do Sertão do Moxotó, Ipanema e Pajeú (NEMIP) da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), recém inaugurado na cidade, estreitando o diálogo entre a pesquisa e a extensão da universidade.

Além desta relação da cidade tanto com o forró como com a universidade, o município tem uma série de mecanismos que favorecem o incentivo musical entre os moradores. A prefeitura de Sertânia, através da Secretaria de Juventude, Esporte, Cultura e Turismo (SEJECT), desenvolve um trabalho musical através das Escolas Municipais de Artes, localizadas na antiga estação ferroviária de Sertânia, edificada e inaugurada no ano de 1933. A sede da SEJECT “pertence ao Conjunto arquitetônico da Rede Ferroviária Federal, do qual faz parte também um conglomerado de três galpões, onde num deles funciona o Armazém das Artes, espaço gerido pela Associação dos Artesãos de Sertânia, que comercializam ali peças e obras de artes”<sup>1</sup>. Na sede funcionam seis escolas, sendo elas a Escola de Teatro, Dança, Violão, Bateria, Música e a Escola de Sanfona. Todas estas informações foram retiradas do site *O Pipoco*, um portal digital disponibilizado pelo antigo secretário de cultura da cidade. O site da prefeitura não disponibiliza muita informação sobre as escolas de música, nos levando a buscá-las junto aos funcionários e ex-funcionários públicos da cidade, professores, alunos e ex-alunos das escolas.

Graças ao trabalho desenvolvido na Escola de Sanfona, atrelada a aulas particulares desenvolvidas principalmente pelo primeiro professor da escola, que a cidade apresenta um bom número de sanfoneiros que estão sendo mapeados doravante à pesquisa. Um número considerável de sanfoneiros que aprenderam a tocar de forma autodidata também divide os créditos com a escola no quantitativo de sanfoneiros participantes, num total de 11 até o momento.

O trabalho será dividido em três grandes seções, iniciando as discussões acerca dos processos de aprendizagem (LIBÂNEO 2000; QUEIROZ, 2003; WILLE, 2005). Em seguida, discutiremos sobre os processos de aprendizagem musical e como isto nos ajudará a compreender os modos de aprender a tocar sanfona em Sertânia. Por fim, será feita uma análise daquilo que foi observado durante as visitas e entrevistas, nos levando a uma conclusão mediante a síntese do trabalho.

---

<sup>1</sup> Informações retiradas do site *O Pipoco*, um dos principais portais de notícias da cidade.



## Processos de Aprendizagem

O ato de aprender é algo que acontece em diversas esferas sociais que permeiam a sociedade. Seja na escola, na família, na igreja, de forma intencional ou não, o processo de aprendizagem sempre envolve a aquisição ou ressignificação de um conhecimento. É graças ao aprendizado que o ser humano produz cultura e que a perpassa por gerações (QUEIROZ, 2003, p. 98). Portanto, a música enquanto elemento importante e presente em múltiplos ambientes culturais, é algo que também é aprendido e transmitido em múltiplos processos de aprendizagem.

No âmbito da educação intencional, Wille (2005) fala que a mesma pode ser dividida em dois grupos, sendo a formal e a não-formal. Segundo a autora,

As modalidades de educação intencional são definidas nos seguintes termos: educação formal seria aquela estruturada, organizada, planejada intencionalmente, sistemática, sendo que a educação escolar convencional seria o exemplo típico. A educação não-formal seria aquelas atividades que possuem caráter de intencionalidade, mas pouco estruturadas e sistematizadas, onde ocorrem relações pedagógicas, mas que não estão formalizadas. (WILLE, 2005, p. 41)

A autora baseia esta fala nos conceitos de Libâneo (2000), pesquisador importante da área de educação e pedagogia. Ainda segundo ela, a educação formal se dá exclusivamente em ambientes escolares (escolas, universidades, etc.), e a não-formal em espaços extra-escolares, ou seja, fora dela. Como o processo educativo envolve tanto o ensino como a aprendizagem, no que tange o objetivo da pesquisa, o processo de aprendizagem dos sanfoneiros mapeados e investigados se enquadra em ambas as modalidades da educação intencional, tanto no ambiente escolar como fora dele. Falaremos sobre isso posteriormente.

Segundo Queiroz (2003, p. 95), a educação musical acontece de forma intencional, em lugares com esta finalidade (escola), e de forma não-intencional, seja no consumo de músicas no cotidiano, na exposição de elementos sonoros, dentre outras situações. Sandroni (2000) também vai dizer que a aprendizagem musical acontece fora da escola e não apenas dentro dela. Porém, uma crítica apontada pelo autor é que tende-se a nomear como informal ou assistemático, o ensino musical intencional não-formal. Para ele, “o emprego

destas expressões denuncia antes de mais nada nosso desconhecimento dos modos pelos quais funcionam os variados aprendizados extra-escolares” (SANDRONI, 2000, p. 2). Não é que tal educação não tenha uma forma, já que informal significa sem forma, apenas obedece a sistemas de ensino e aprendizagem divergente do convencional que é encontrado no ambiente escolar. Tal sistema, que aqui nomearemos de *habitus* conservatorial (PEREIRA, 2014), é caracterizado por uma série de procedimentos que culminam na educação musical padrão dos conservatórios e instituições de ensino superior. Dito isto, tudo aquilo que não dialoga diretamente com estes procedimentos é visto, muitas vezes com estranheza ou como “informal”.

O termo informal é mais direcionado aos processos não intencionais de educação discutido anteriormente, ou seja,

O termo “educação informal” é mais adequado para indicar uma modalidade de educação que resulta do “clima” onde os indivíduos vivem, em que faz parte tudo o que está imbuído na vida grupal e individual. São relações educativas adquiridas independentemente da consciência de suas finalidades, pois não existem metas ou objetivos preestabelecidos conscientemente. A educação informal perpassaria as modalidades de educação formal e não-formal, pois o contexto da vida social, política, econômica e social, bem como a família e a rua, também produzem efeitos educativos sem constituírem instâncias claramente institucionalizadas (LIBÂNEO, 2000 apud WILLE, 2003, p. 41).

Portanto, o termo “informal” sempre será tratado como estes processos educacionais não intencionais, e o não-formal para os intencionais que acontecem fora da escola e de maneiras diferentes das que encontramos nas escolas, incluindo as de música. E, embora haja esta classificação entre intencional e não intencional, formal, não formal e informal, dentro e fora da escola, na prática, tudo se perpassa, cabendo à educação musical se adequar às novas perspectivas de ensino, como defende Arroyo quando diz que

A educação musical contemporânea demanda a construção de novas práticas que dêem conta da diversidade de experiências musicais que as pessoas estão vivenciando na sociedade atual. Assim, transitar entre o escolar e o extra-escolar, o “formal” e o “informal”, o cotidiano e o institucional, torna-se um exercício de ruptura com modelos arraigados que teimam em manter separadas esferas que na experiência vivida dialogam (ARROYO, 2000, p. 89, apud WILLE, 2003, p. 41).



Portanto, é preciso entender que aprender música envolve aspectos que rompem as barreiras da escola e que isto, portanto, deve ser levado em consideração na maneira como se ensina e aprende música nas instituições de ensino. Dito isto, os modos de aprender a sanfona, por exemplo, envolvem nuances múltiplas, com ou sem partitura, na escola ou fora dela, de maneira autodidata ou orientada.

## Aprendendo sanfona em Sertânia-PE

Sertânia é uma cidade localizada a mais de 300km da capital pernambucana, no sertão nordestino. O município, segundo o Senso de 2022, conta com um pouco mais de 32 mil habitantes, distribuídos tanto na zona central da cidade como em seus distritos e povoados. Durante o trabalho de campo, além da zona urbana da cidade, foi possível visitar alguns desses povoados à procura de sanfoneiros, principalmente os mais velhos, que, devido a saúde debilitada, pararam com as atividades musicais e buscaram o sossego da zona rural da cidade.

A maneira como a sanfona faz parte da história da cidade faz com que o instrumento musical ganhe destaque e prestígio por parte dos cidadãos, fazendo com que a procura por aprender a tocar o instrumento cresça exponencialmente. Através de observações, visitas e entrevistas com sanfoneiros da região, foi possível notar pequenas variações na aprendizagem por parte dos sanfoneiros, todas elas permeadas pela observação, escuta e imitação.

Como forma de agrupar os sanfoneiros mediante as características de seus processos de aprendizagem, decidimos separá-los em dois grupos (ou categoria), respaldados pelos conceitos de aprendizagem formal, não-formal e informal (LIBÂNEO, 2000; WILLE, 2003) e intencional e não intencional (LIBÂNEO, 2000; QUEIROZ, 2003). Os sanfoneiros que, por meio da escuta e observação de sanfoneiros mais experientes, seja por meio digital ou de forma presencial, apresentaram características do que chamamos de “Aprendizagem Autodidata”, ou seja, não havia diretamente a figura de um professor, ou a existência de aulas formais durante o processo. O músico aprendia “sozinho”, através da escuta (principalmente) e da observação e imitação/repetição. O segundo grupo é a

“Aprendizagem Orientada”, onde se enquadram os sanfoneiros que tiveram aulas com um professor, seja em aulas particulares ou na escola de sanfona da cidade, de maneira tutorial (individual) ou coletiva.

Vale ressaltar que o foco do trabalho é na aprendizagem por parte dos sanfoneiros, mais com uma visão de aluno que de professor. Portanto, todos os dados e observações coletados se direcionam ao modo como os músicos aprenderam a tocar sanfona, seja de forma autodidata ou orientada por um professor ou sanfoneiro mais experiente.

### Aprendizagem Autodidata

O processo de aprendizagem autodidata refere-se à capacidade do músico em aprender um determinado instrumento sem a ação direta de um professor ou instrutor que o acompanhe. Como forma de sanar esta ausência da figura docente, diversos mecanismos são desenvolvidos para atingir um objetivo em comum: aprender a tocar um instrumento. Um destes mecanismos é o ato de ouvir. Basicamente todos os sanfoneiros entrevistados e observados durante a pesquisa até agora mencionaram a escuta como principal fator para a aprendizagem de repertório para sanfona. Embora o ato de ouvir não necessariamente ofereça técnicas do instrumento, era ouvindo que eles conseguiam memorizar e reproduzir canções inteiras, tanto a parte instrumental como solos de sanfona.

Entre os instrumentistas mais velhos, com 50 anos de idade ou mais, uma peculiaridade observada em todos eles foi o uso do rádio como ferramenta de aprendizagem. Através da sintonização da rádio onde era comum o forró ser reproduzido, os músicos buscavam ouvir a canção, principalmente os solos do instrumento nas introduções, e memorizavam o máximo de notas. Quando era possível, buscavam ouvir já com o instrumento em mãos, acelerando a identificação das notas reproduzidas. Ao mesmo tempo que ouviam, reproduziam na sanfona, corrigindo e conferindo se o que tocavam era semelhante ao que ouviam. Quando não era possível estar com o instrumento no momento de escuta, o processo de memorização era crucial para, em seguida, reproduzir no instrumento. Neste caso, o processo de reproduzir corretamente as canções demorava um pouco mais, requerendo outras escutas para a conferição.



Como citado anteriormente, o aprendizado pela escuta não garante a técnica do instrumento, já que necessita de elementos visuais para tal. Como forma de suprir esta ausência, os músicos enquadrados neste tipo de aprendizagem tinham familiares ou conhecidos da família que também tocavam e, por vezes, observavam estes sanfoneiros desde o modo como segura o instrumento como a digitação das teclas. Buscavam aprender as canções que eram reproduzidas no rádio, focando nos solos e acompanhamento das músicas como forma de aplicar a parte técnica observada em músicos veteranos. Como se tratava do rádio, não existia a funcionalidade de pausa ou repetição, fazendo com que os músicos tivessem que memorizar o máximo de notas e esperar que a mesma canção fosse reproduzida novamente no dia seguinte, para que pudessem conferir e corrigir seu desenvolvimento.

Referente aos sanfoneiros mais jovens entrevistados durante a pesquisa de campo, uma característica unânime entre eles é o uso de mídias digitais no processo de aprendizagem da sanfona, algo não observado nos mais velhos devido a época em que se encontravam nos momentos iniciais de aprendizado do instrumento. Plataformas digitais de áudio e/ou vídeo acabam, muitas vezes, substituindo o lugar do professor, sendo o intermédio entre o conhecimento e o aluno. Devido a geração atual está imersa em um bombardeio digital de aparatos e softwares disponíveis facilmente e ao alcance da mão, os processos de aprendizagem acabam sendo afetados diretamente. Como resultado, a *internet* acaba sendo um meio de aprendizagem autodidata, onde os sanfoneiros aprendem sozinhos a tocar o instrumento, em substituição do rádio na geração anterior.

Embora alguns dos sanfoneiros mais jovens entrevistados já tivessem passado pela escola de sanfona e/ou por aulas com professores particulares, o contato inicial com o instrumento se deu em casa, sozinho, assistindo a vídeos na *internet* de performances de sanfoneiros em shows ou dando aulas gravadas e disponibilizadas em plataformas digitais, como Youtube, Instagram, Facebook, etc. É acessando vídeo-aulas ou performances de sanfoneiros na internet que os alunos acabam desenvolvendo um bom progresso no instrumento. Todo o processo é regido por observar o que os sanfoneiros fazem, ouvir a melodia e memorizá-la e, por fim, imitar/reproduzir em seu próprio instrumento. Este processo é muito semelhante ao encontrado na escola de sanfona, mas a figura do professor

é substituída pelo vídeo. O processo de aprendizagem segue sendo o mesmo, mudando apenas o referencial (antes o professor, agora o sanfoneiro do vídeo assistido).

### Aprendizagem Orientada

Chamamos de Aprendizagem Orientada aquela onde o sanfoneiro tem a figura do professor para guiá-lo no processo de aprendizagem, seja ela em ambiente escolar (na escola de sanfona) ou em aulas particulares. Em ambas as situações pedagógicas, particular ou escolar, o aprendizado acontece de forma semelhante: através do ensino coletivo (mesmo nas aulas particulares).

As aulas particulares acontecem, como mencionado anteriormente, de forma individual e principalmente de forma coletiva em pequenos grupos. Durante as aulas, o professor busca ensinar o instrumento de forma prática, ou seja, os alunos estão o tempo todo com o instrumento nas mãos. Conteúdos teóricos musicais não são explicitamente trabalhados no que tange às nomenclaturas, ou seja, conceitos como acordes, campo harmônico entre outros não são explicitados inicialmente. Um dos poucos conteúdos teóricos abordados de forma direta é o de tonalidade e nome das notas, bem como a localização dessas notas no teclado da sanfona. Toda a logística de ensino-aprendizagem é voltada para o repertório. O professor possui uma sequência de canções que trabalham, progressivamente, o desenvolvimento dos alunos com a sanfona. A primeira dessas canções é “Asa Branca” do Luiz Gonzaga que, segundo o professor entrevistado, possui uma melodia simples e repetitiva, que auxilia na memorização e no progresso instrumental.

Em relação aos alunos, para eles o fato das aulas serem práticas incentiva o aprendizado. O processo de aprendizagem se dá na observação do professor em executar um trecho da música trabalhada (no caso, Asa Branca), observam o modo de segurar o instrumento, dedilhado e abertura do fole, memorizam o máximo de notas da melodia e, por fim, executam em seu próprio instrumento. Por ser coletiva, as aulas oferecem outras referências para serem observadas, além do professor. Os alunos têm a possibilidade de observarem os colegas na tentativa de se autocorrigir e de ajudar os demais. Essas são características da pedagogia do ensino coletivo de instrumentos musicais, que segundo Cruvinel (2003, p. 48), o professor assume uma posição de regente, distribuindo atividades



entre os alunos, de forma que todos possam estar envolvidos com a prática instrumental. Desta maneira, o incentivo de se manterem nas aulas de sanfona é mantido, garantindo a constância da turma.

Referente à aprendizagem que acontece em ambiente escolar, as aulas acontecem na Escola de Sanfona da cidade. Embora trate-se de uma instituição escolar, a forma como o instrumento é ensinado diverge do modelo tradicional que geralmente encontramos em escolas de música. A escola conta com alguns espaços destinados a aulas em grupo, com lousa, algumas estantes de partitura, cadeiras sem braço (já que a sanfona exige uma movimentação que seria limitada por cadeiras de braço) e algumas sanfonas para os alunos praticarem. As aulas acontecem de forma coletiva, em dois mecanismos observados: o de estudo dirigido através da observação, audição e imitação; e o com uso de notação musical diferente da convencional partitura (escrita numérica).

Como mencionado, a aprendizagem da sanfona na escola da cidade acontece por meio de mecanismos encontrados em ambientes não-formais, além do uso de escrita numérica. Embora haja uso de escrita, ela diverge da convencional partitura encontrada em outros ambientes escolares, onde a escrita serve para referenciar aquilo que está sendo executado pelo professor. O sistema de escrita usado pelos professores foca na numeração do dedilhado na sanfona associado às notas da melodia que se pretende ensinar. As notas não são o foco, mas sim a digitação das teclas do instrumento, sendo os números ditos pelo professor durante a execução das melodias e não o nome das notas (Figura 1). Porém, vale enfatizar que este tipo de escrita só é utilizada para repertórios mais complexos ou quando a turma é grande, já que o ensino é coletivo e não individual. Nas demais ocasiões, quando a turma conta com poucos alunos (3 ou 4), a aprendizagem acontece de forma visual, auditiva e imitativa. O professor demonstra um trecho musical em seu instrumento (um solo, geralmente) e os alunos observam e ouvem, e logo após reproduzem o que acabaram de ver e ouvir num processo de imitação.



**Figura 1:** Sistema de escrita numérica da canção *Fogo sem fuzil*

4	4	4	3	1	1	1	3	2	1	3
Fa	Fa	Fa	Mi	↓La	↓La	↓La	Sib	La	Sol	La
1	1	2	2	3	3	4				
↓Re	↓Re	Fa	Fa	Sol	Sol	La				
1	1	2	2	4	4	3				
Mi	Mi	Sol	Sol	Sib	Sib	La	1ª vez e volta			
4	3	3	2	2	1	1	2			
La	Sol	Sol	Fa	Fa	Mi	Mi	Re	2ª vez		

Fonte: Autoria própria

A título de comparação, segue a transcrição da canção *Fogo sem fuzil* (Figura 2), agora na partitura convencional, conservando todas as informações contidas na Figura 1.

**Figura 2:** Transcrição para partitura

**Fogo sem Fuzil**  
(Subtitle)

Sanfona Luiz Gonzaga

The musical score is written for Sanfona in 4/4 time. The first system consists of four measures: a quarter rest, a quarter note G4, an eighth note F4, and an eighth note E4. The second system starts with a measure rest, followed by a first ending bracket over two measures (quarter note G4, quarter note F4), a second ending bracket over two measures (quarter note G4, quarter note F4), and a final quarter note G4.

Fonte: Autoria própria

Alguns sinais gráficos que encontramos na partitura são substituídos por sinalizações dadas pelo professor, ou com uso de pequenos sinais como setas indicando altura, já que a partitura, pela localização das notas entre as linhas e espaços, já indica a altura.

## Discussão dos resultados

Após o mapeamento e contato com sanfoneiros da cidade de Sertânia, foi possível agrupar o número total de músicos conforme o modo de aprendizagem da sanfona, e reuni-los na tabela abaixo:

**Tabela 1** - Relação de sanfoneiros encontrados em Sertânia-PE

Tipo de aprendizagem	número de sanfoneiros	Recursos utilizados
Autodidata	5	Rádio, Vitrolas e internet
Orientada	Escola: 4 Aulas particulares: 2	O professor, uso da escrita numérica.

De acordo com os dados observados na tabela acima, referente aos processos de aprendizagem da sanfona na cidade de Sertânia, podemos discutir alguns pontos. O primeiro ponto observado em ambos os processos de aprendizagem citados anteriormente é a ligação do aprender o instrumento com o repertório. De fato, o processo de aprendizagem sempre acontecia e/ou era impulsionado pelo interesse do sanfoneiro em aprender uma canção e/ou um solo específico. Todo o desenvolvimento na aprendizagem se dá pelo aprofundamento no repertório, sem considerar o nível de dificuldade que as canções possuem. Para o sanfoneiro, o que importa é imitar o que está sendo reproduzido da forma mais semelhante possível.

Embora a pesquisa busque investigar as matrizes do forró tradicional, o repertório encontrado entre os sanfoneiros mostrou-se bem variado, sendo a idade um fator que diferenciava-os quanto a isto. Os mais velhos buscavam tocar um repertório mais tradicional, como o do Flávio José, do Dominginhos, do Luiz Gonzaga, entre outros. Já os mais jovens, embora também apresentassem em seu repertório uma gama de canções do forró tradicional, devido a já citada imersão digital, alguns gêneros mais atuais também eram inseridos, como o sertanejo, o piseiro e o forró estilizado. Outra característica encontrada nos mais jovens é a adaptação de canções de gêneros como Bossa Nova, MPB e outros em

ritmos tradicionais, como o xote, por exemplo. Acreditam que ampliando as possibilidades de gêneros musicais, podem atrair mais contratantes.

O número de autodidatas na região (considerando apenas os sanfoneiros) é considerável. Devido o envolvimento da cidade com o forró, além de sanfoneiros atuantes na região, há uma motivação na busca pelo instrumento por parte dos cidadãos. Antes da Escola de Sanfona, que foi inaugurada em 2013, a única alternativa que os músicos tinham de aprender era por meio de observação e de “tirar de ouvido” o repertório. Além disso, embora a maioria dos autodidatas consultados tivessem parentes sanfoneiros (geralmente o pai, irmão, tio, avô), uma informação interessante é a recusa por parte desses parentes em ensinar os iniciantes ou aspirantes a sanfoneiros. Este relato foi descrito por todos aqueles que possuíam um sanfoneiro veterano na família. Isso os forçaram a aprender sozinho e/ou escondido.

As aulas de sanfona na Escola, mesmo sendo formal de acordo com os conceitos discutidos, por serem coletivas, já rompem com a ideia de educação formal oriunda de instituições escolares (universidades, conservatórios, etc.). Tal cenário apresenta características típicas do ensino coletivo de instrumentos musicais, conforme autores da área descrevem. Segundo Lucy Green (2008, p. 120), um dos panoramas da aprendizagem em grupo é que essa forma de aprendizagem ocorre de maneira imprevista, também através da escuta, observação e imitação durante esta prática. Basicamente o processo de aprendizagem em ambas as modalidades descritas aqui (Autodidata e Orientada) seguem esse parâmetro.

Este processo de aprendizagem, que consiste no ato de ver, ouvir e imitar em seu próprio instrumento, já foi observado em muitos outros cenários musicais não formais, como em escolas de samba (PRASS, 1998), forró de rabeca em Recife (SILVA; SANDRONI, 2022), músicos populares (GREEN, 2001) e muitos outros cenários. Além disso, por ser de forma coletiva, a aprendizagem apresenta características diferentes das observadas em aulas individualizadas de instrumentos musicais, como o uso da oralidade como principal ferramenta, pouco uso de material de forma escrita e a imitação através da observação e escuta. Isso se dá devido a formação dos professores da escola, que são da esfera popular, muitos deles nunca tiveram aulas “formais” de música, tendo aprendido com a mesma

metodologia pela qual ensinam. Segundo eles mesmos “é assim que se aprende a tocar forró na sanfona”.

Voltando para a discussão sobre os processos de aprendizagem encontrados, o único momento em que a escrita era adotada foi no ambiente escolar. Mesmo não sendo apresentada na maneira convencional (partitura), o recurso da escrita era adotado pelo professor na tentativa de orientação de técnicas, como citado anteriormente. Todo o processo era direcionado em observar, ouvir e reproduzir no sentido de imitar o que foi visto e ouvido. No caso da escola, ainda podemos citar o fato de que as aulas aconteciam de forma coletiva, implicando em uma série de características próprias desta modalidade de ensino. Uma delas é a possibilidade do aluno ter outras referências para observar e imitar, não apenas o professor. Como em toda turma, sempre havia um aluno mais habilidoso que conseguia assimilar mais rapidamente o conteúdo apresentado pelo professor e, com isso, ajudava os demais alunos.

## Conclusões

Foi possível compreender como se dá a aprendizagem da sanfona através das visitas e acompanhamento dos sanfoneiros sertanienses durante 7 meses. A aprendizagem musical, de fato, é algo que ultrapassa o ambiente da escola, podendo acontecer em múltiplas esferas, não necessariamente a escolar. E, mesmo em ambiente escolar, ela mostra-se ainda mais ousada em acontecer de maneiras não convencionais, adquirindo novas formas de transmissão e apreensão de conhecimento, adotando novas ferramentas e ressignificando e adequando os já existentes.

A maneira de aprender um instrumento pode ser influenciada pelo contexto em que se encontram os aprendizes, vistos os recursos e possibilidades à sua disposição. Portanto, embora durante a realização desta pesquisa (2023) a cidade conte com uma escola especializada no ensino da sanfona, a aprendizagem não-formal, ou seja, aquela que acontece geralmente em ambientes extra-escolares, foi adotada dentro do ambiente formal, devido a ser a principal forma de aprender sanfona na cidade. Aqui, vemos uma união entre as formas de aprendizado, que vão dialogando e ressignificando o modo de aprender, tocar e ensinar sanfona na contemporaneidade.



## Referências

CRUVINEL, Flávia Maria. *Efeitos do ensino coletivo na iniciação instrumental de cordas: a educação musical como meio de transformação social*. 2003. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Goiás, Escola de música e artes cênicas, 2003. Disponível em: <https://www.amplificar.mus.br/data/referencias/ver/Efeitos-do-ensino-coletivo-na-iniciacao-instrumental-de-cordas--a-educacao-musical-como-meio-de-transformacao-social> Acesso em: 29 jun. 2023.

Escolas de artes fazem revolução em Sertânia. In: O Pipoco. 21 nov 2015. Disponível em: <https://opipoco.com.br/2015/11/escolas-de-artes-fazem-revolucao-cultural-em-sertania/>. Acesso em: 04 jul. 2023

GREEN, Lucy. *How popular musicians learn: a way ahead for music education*. London: Ashgate, 2001.

GREEN, Lucy. *Music, informal learning and the school: a new classroom pedagogy*. London: Ashgate, 2008.

PEREIRA, M. Licenciatura em música e habitus conservatorial: analisando o currículo. *Revista da ABEM*, Londrina, v. 22, n. 32, p. 90-103, 2014. Disponível em: <http://www.abemeducacaomusical.com.br/revistas/revistaabem/index.php/revistaabem/article/view/46>. Acesso em: 20 jun. 2023.

PRASS, Luciana. *Saberes musicais em uma bateria de escola de samba: uma etnografia entre os "Bambas da Orgia"*. Porto Alegre. 211 f. Dissertação (Mestrado em Música). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1998. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/189584/000230500.pdf?sequence=1&isAllowed=y> Acesso em: 11 jul. 2023.

QUEIROZ, Luis Ricardo Silva. Escola, cultura, diversidade e educação musical: diálogos da contemporaneidade. *InterMeio: Revista do Programa de Pós-Graduação em Educação-UFMS*, Campo Grande, v. 19, n. 37, p. 95-124, 2013. Disponível: <https://periodicos.ufms.br/index.php/intm/article/view/2363> . Acesso em: 15 jul. 2023.

SANDRONI, Carlos. Uma roda de choro concentrada: reflexões sobre o ensino de músicas populares nas escolas. In: ENCONTRO ANUAL DA ABEM, n. 9, 2000, João Pessoa. *Anais*. João Pessoa, 2000, p. 19-26. Disponível em: [https://www.academia.edu/download/34700792/Uma\\_roda\\_de\\_choro\\_concentrada.pdf](https://www.academia.edu/download/34700792/Uma_roda_de_choro_concentrada.pdf) Acesso em: 15 jul. 2023.



SILVA, Ítalo Fernandes da; SANDRONI, Carlos. Aprendendo rabeca e forró na região metropolitana do recife. In: CONGRESSO DA ANPPOM, n. 22, 2022, Natal. *Anais... Natal*, 2022, p. 1-14. Disponível em:  
[https://anppom.org.br/anais/anaiscongresso\\_anppom\\_2022/papers/1290/public/1290-5691-1-PB.pdf](https://anppom.org.br/anais/anaiscongresso_anppom_2022/papers/1290/public/1290-5691-1-PB.pdf) Acesso em: 01 jul. 2023.

WILLE, Regiana Blank. Educação musical formal, não formal ou informal: um estudo sobre processos de ensino e aprendizagem musical de adolescentes. *Revista da ABEM*, Pelotas, v. 13, n. 13, p. 39-48, 2014. Disponível em:  
<http://abemeducacaomusical.com.br/revistas/revistaabem/index.php/revistaabem/article/view/323> Acesso em: 11 jul. 2023.

